

3.

JANEIRO · 2018

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*





FIGURA 1.

FONTE · Arquivo da Casa Norton de Matos

[1] ESTE TEXTO É A VERSÃO AMPLIADA DE DOIS ESTUDOS ANTERIORES: "A OPOSIÇÃO EXILADA E AS ELEIÇÕES DE NORTON DE MATOS: ENTRE O APOIO E A ESPERANÇA"; IN: PAULO, HELOISA E JANEIRO, HELENA P (COORD.) *NORTON DE MATOS E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1949, 60 ANOS DEPOIS*, LISBOA, EDIÇÕES COLIBRI, 2010; E OUTRO ESCRITO COM A COLABORAÇÃO DE

ARMANDO MALHEIRO DA SILVA, "NORTON DE MATOS, O BRASIL E AS RAÍZES DO PARAÍSO – A CONSTRUÇÃO DA COLÔNIA IDEAL E O IDEAL COLONIALISTA", IN: SERPA, E. PAULO, H. E RAMOS, BERNARDETE. *O BEIJO DO BRASIL ATRAVÉS DO ATLÂNTICO, O LUGAR DO BRASIL NO PANLUSITANISMO*, CHAPECÓ, ARGOS/UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA, 2001.

A IMAGEM DE NORTON DE MATOS NA COLÓNIA PORTUGUESA DO BRASIL: COLONIALISTA E OPOSITOR ^[1]

THE IMAGE OF NORTON DE MATOS IN THE PORTUGUESE COLONY IN BRAZIL: COLONIALIST AND OPPONENT

O texto aborda a figura de Norton de Matos entre os opositores republicanos exilados no Brasil através das suas associações e da imprensa local. Para além disto, analisa o auxílio prestado durante a sua campanha eleitoral e a repercussão desta candidatura nos jornais do Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

The text addresses the figure of Norton de Matos among Republican opponents exiled in Brazil through their associations and the local press. In addition, it analyzes the assistance provided during its electoral campaign and the repercussion of this candidacy in the newspapers of Rio de Janeiro, the capital of Brazil at that time.

OPOSIÇÃO, EXÍLIO,
REPUBLICANISMO, ELEIÇÕES

OPPOSITION, EXILE,
REPUBLICANISM, ELECTIONS

HELOISA PAULO ^[2]

1. *Norton de Matos e o Brasil : os seus vínculos com a colónia portuguesa no Rio de Janeiro*

“Dotados de natural indiferença por credos políticos, limitando, na quase totalidade, as suas aspirações ao âmbito restrito da vida da aldeia à farta parcela de terra produtiva, à casa alegre e decente, à vida amorável da família, a um jazigo no cemitério, onde possam repousar ao lado os seus, nenhum perigo representarão para o Brasil os emigrantes portugueses, a nenhuma perturbação podem dar origem”^[3].

Os vínculos de Norton de Matos com os portugueses radicados no Brasil não são estabelecidos com a colónia “oficial”, representada por organismos com estreita ligação ao regime de Lisboa, como a Federação das Associações Portuguesas do Brasil^[4]. É com o núcleo de emigrados republicanos, alguns deles emigrados políticos e outros exilados após o 28 de Maio, que o General, colonialista e futuro candidato pela oposição, estabelece os primeiros contactos ainda nos anos 30. O marco desta ligação é a sua nomeação como patrono da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, associação voltada para a defesa e divulgação dos ideais colonialistas, criada em 22 de Maio de 1930.

A Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro é a única associa-

ção que se dedica à propaganda colonial, possuindo nos seus quadros velhos e reconhecidos republicanos, como Ricardo Severo, ou ainda, figuras desconhecidas, mas cujo combate pelo ideal democrático da República marca todo o período de vigência do regime ditatorial em Portugal, como é o caso de António Amorim^[5].

O carácter pioneiro da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro vai além da defesa do ideário colonialista republicano. É a única a explicitar nos seus estatutos a admissão de sócios de “ambos os sexos”^[6], cabendo à escritora Fernanda de Basto Casimiro a Presidência da sua Assembleia Geral. É uma das poucas que mantém um horário fixo na rádio, então o veículo de propaganda mais popular, através de um programa radiofónico quinzenal intitulado «Quarto de hora da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro», na Rádio Rio, para além de manter periodicamente uma outra emissão denominada «Palestras Pan-Lusitanas», algumas das quais alvo de edições custeadas pela Sociedade. Fora do âmbito da sua programação própria, os seus colaboradores participam como representantes da instituição e da temática por ela defendida em outros programas, como é o caso de uma sessão de conferências apresentadas em “Notícia Portuguesa”^[7]. Na sua propaganda do «Ultramár Português», a Sociedade busca atuar também junto das escolas, seguindo a mais pura tradição do Republicanismo.

[2] CEIS20/UNIVERSIDADE DE COIMBRA

[3] MATOS, NORTON. “RAÍZES DO BRASIL”. IN: MEMÓRIAS E TRABALHOS DA MINHA VIDA. 2.ª ED., EDITORA MARÍTIMO COLONIAL LDA, 1944, P. 238.

[4] SOBRE O TEMA VER: PAULO, HELOISA. *AQUI TAMBÉM É PORTUGAL. A COLÓNIA PORTUGUESA E O SALAZARISMO*, COIMBRA, QUARTETO, 2000.

[5] ANTÓNIO DE SOUSA AMORIM. NATURAL DE PONTE DE LIMA, TAL COMO NORTON DE MATOS, JORNALISTA, COLABORA EM DIVERSOS JORNAIS COMO O «DIÁRIO DE LISBOA», SENDO UM DOS ELEMENTOS DE REDAÇÃO DA «SEARA NOVA». EMIGRA PARA O BRASIL APÓS O 28 DE MAIO, TENDO ENTÃO 44 ANOS. NO RIO DE JANEIRO, DEDICA-SE AO COMÉRCIO DE TECIDOS, TENDO COMO SÓCIO FRANCISCO DORES GONÇALVES. MEMBRO DE OUTRAS ASSOCIAÇÕES REPUBLICANAS, COMO O GRÉMIO REPUBLICANO E DO CENTRO REPUBLICANO DR. AFONSO COSTA É O RESPONSÁVEL PELO BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA, ESCRREVENDO AINDA PARA

OUTROS PERIÓDICOS VINCULADOS AO MOVIMENTO OPOSICIONISTA DA COLÓNIA, COMO O BOLETIM DO CENTRO REPUBLICANO DR. AFONSO COSTA E O JORNAL PORTUGAL REPUBLICANO. É AMIGO PRÓXIMO DE EXILADOS, COMO JAIME DE MORAIS, ALBERTO MOURA PINTO E JAIME CORTESÃO, SENDO UM DOS CORRESPONDENTES ASSÍDUOS DE JOÃO SARMENTO PIMENTEL. SEGUNDO DADOS OBTIDOS NESTA CORRESPONDÊNCIA, CONVIVE INTIMAMENTE COM NOMES COMO CASTRO SOROMENHO E OUTROS INTELLECTUAIS EXILADOS NO BRASIL. FALECE NO BRASIL, JÁ DEPOIS DO 25 DE ABRIL, EM JUNHO DE 1977, TENDO SIDO SEMPRE UM CRÍTICO SEVERO DO DISCURSO ANTICOLONIALISTA DE ALGUNS SETORES DA OPOSIÇÃO.

[6] ARTIGO 1.º DO CAPÍTULO I DOS ESTATUTOS DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA DO RIO DE JANEIRO, IDEM, P. 3.

[7] BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA DO RIO DE JANEIRO, N.º14 (JULHO A SETEMBRO DE 1935), P. 180.

[81] A NOITE, RIO DE JANEIRO, 16 DE AGOSTO DE 1933, P. 3.

[9] CASIMIRO, AUGUSTO. *CARTILHA COLONIAL* (RIO DE JANEIRO: SOCIEDADE LUSO-AFRICANA, 1936)

[10] VER, ENTRE OUTROS, FERNANDA DE BASTOS CASIMIRO. «O ESFORÇO PORTUGUÊS EM ANGOLA». *BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-ÁFRICANA DO RIO DE JANEIRO*, N.º13 (ABRIL A JUNHO DE 1935), PP. 239-247.

[11] «A MISSÃO DO IMPÉRIO», *BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA DO RIO DE JANEIRO*, N.º1 (MAIO DE 1931), OU AINDA, «MEMÓRIAS DA MINHA VIDA COLONIAL», PUBLICADO NO NÚMERO 4 DO CITADO BOLETIM.

[12] FRANCISCO DORES GONÇALVES. NATURAL DO ALGARVE, ELE FOI DIRETOR DO «CENTRO ALGARVIO», NA DÉCADA DE VINTE, E MEMBRO DO «GRÉMIO REPUBLICANO PORTUGUÊS NO RIO DE JANEIRO». FIGURA ATIVA DO MOVIMENTO REPUBLICANO PORTUGUÊS NAQUELA CIDADE, É O PORTA-VOZ DO GRUPO FORMADO POR JAIME DE MORAIS, ALBERTO MOURA PINTO E JAIME CORTESÃO, RADICADO NO BRASIL E REPRESENTANTE DA OPOSIÇÃO REPUBLICANA NAS DÉCADAS DE QUARENTA E CINQUENTA. FALECE NO RIO DE JANEIRO EM SETEMBRO DE 1965.

Para além da propaganda radiofónica, a Sociedade realiza na sua sede sessões comemorativas e palestras, para as quais são convidadas personalidades brasileiras vinculadas ao debate da história colonial do Brasil, ou ainda, figuras do cenário político da sociedade brasileira, como aconteceu nas Comemorações do 285º Aniversário da Reconquista de Angola, realizada em Agosto de 1933^[81]. Para além disto, participa em eventos promovidos nas escolas e colégios na cidade do Rio de Janeiro, visando incentivar no público infantil o interesse por Portugal, em especial, pelas suas colónias. É importante lembrar que, neste período, a então capital brasileira possuía um número elevado de emigrantes portugueses, cujos filhos frequentavam o ensino local, e eram considerados os continuadores das tradições do país de origem dos seus pais. É para estes, por exemplo, que é editada a *Cartilha Colonial*, de Augusto Casimiro, com o objetivo de “lançar nas almas de amanhã a tentação perturbadora e exaltante da vida forte, sob os céus diversos, em terras que são nossas e nas quais temos, em benefício da Civilização e para honra da pátria, um grande dever a cumprir”^[9].

No entanto, é através do seu Boletim que Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro ganha notoriedade no meio intelectual brasileiro. Publicado entre 1931 e 1939, este periódico tem como eixo temático os problemas coloniais. A ideia de Nação, associada ao co-

lonialismo, é a grande tónica da maioria das temáticas abordadas na publicação, sendo a defesa das colónias e dos indígenas um dos grandes trunfos apontados em prol do antigo Estado Republicano e dos seus ideais^[10].

Como não poderia deixar de ser, o primeiro colaborador de renome na publicação é justamente o patrono da instituição e «persona non grata» do regime: Norton de Matos. Ele é responsável por artigos como «A Missão do Império» e é neste periódico que publica parte das suas «Memórias da Vida Colonial»^[11]. Nos seus artigos, longe de fomentar directamente o debate político, o velho colonialista enaltece o passado colonial, apontando soluções para a continuidade do Império.

No entanto, malgrado a persistência da temática colonialista, o debate político é cada vez mais presente, sendo proporcional à repressão do regime português aos seus opositores. A denúncia das práticas repressivas e a condenação do regime de Lisboa passa a ocupar um espaço maior. Como resposta às pressões da Embaixada no sentido da Sociedade assumir um posicionamento mais “neutral”, Francisco Dores Gonçalves^[12], um dos seus diretores, utiliza as páginas do Boletim para revidar a coação das autoridades consulares:

«Bem sabemos que se não observa impunemente a neutralidade, para os sequazes declarados ou encapotados do fascismo. Para tanto, lá se declara no Estado

Fascista que a neutralidade é impossível, porque nela só se admite a adesão total ou a posição de adversário.

Toda a pessoa e toda a corporação não fascistas são consideradas como fontes de hostilidade e por isso a eliminação desses corpos estranhos é a sua preocupação constante. [...] Estão todos muito enganados, e em especial quantos se julgam com força para nos amedrontar. Por agora, no tablado só aparecem pigmeus com a estulta pretensão de caluniar»^[13].

Apesar da importância do Boletim e do respeito granjeado junto da comunidade intelectual brasileira, a radicalização política dos membros da Sociedade Luso-Brasileira do Rio de Janeiro vai determinar o desaparecimento da publicação, em Dezembro de 1937, justamente um mês após o advento da ditadura de Vargas no dia 10 de Novembro. Na verdade, a Sociedade é extinta pelos mesmos motivos e após anos de choque com as autoridades consulares portuguesas por causa dos seus constantes ataques ao regime.

A questão colonial permanecerá como um ponto aceite pela oposição até à década de cinquenta, quando o movimento de libertação das colónias começa a atingir o universo português, com a tomada de Nagar-Aveli e Dandrá. Para Norton de Matos, assim como para os republicanos da sua época, a questão colonial é marcada pela aquiescência com o rumo tomado pela política colonial portuguesa. É o que fará em 1954, defendendo a “Índia Portuguesa” e afirmando que “o patriótico

prevalece sobre o político” nesse tema específico. Esta afirmação está numa das últimas referências ao seu nome a aparecer nos jornais brasileiros que apoiam a causa antissalazarista dos exilados^[14]. Contudo, a sua candidatura será explorada como um trunfo pela oposição exilada no Brasil. Apesar do passado marcado pelas divergências políticas entre o General e alguns dos exilados no Brasil, a imagem de Norton de Matos é transformada em bandeira da oposição no exílio.

2. Norton de Matos como candidato: a postura dos exilados e o auxílio dos Budas

Em 1948, a perspectiva de um novo ato eleitoral renova a mobilização oposicionista no Brasil. Ambos os setores oposicionistas, comunista e republicano, apoiam a candidatura de Norton de Matos. Para tal, contam com a propaganda levada a cabo por alguns jornais brasileiros que darão “cobertura” ao processo eleitoral português. Apesar da mobilização e da aparente esperança apresentada por aqueles que continuam em Portugal, o pleito é visto com reservas pelos exilados no Brasil. Na verdade, estes reconhecem que são imensos os obstáculos no processo de escolha presidencial, a começar pela apresentação do candidato, o General Norton de Matos, republicano, maçom e já

[13] FRANCISCO DAS DORES GONÇALVES. «ATTITUDE», *BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA DO RIO DE JANEIRO*, N.º 13 (ABRIL A JUNHO DE 1935), PP. 61-62.

[14] “PORTUGAL QUER A PAZ”, *CORREIO DA MANHÃ*, 9 DE SETEMBRO DE 1954, P. 8.

[15] CARTA DE MOURA PINTO A JAIME DE MORAIS, 28 DE JANEIRO DE 1949. AJM.FMS

••

Para Norton de Matos, assim como para os republicanos da sua época, a questão colonial é marcada pela aquiescência com o rumo tomado pela política colonial portuguesa.

••

com uma idade avançada. Desde a propaganda até a preparação do ato eleitoral, é extenso o caminho a percorrer pelos oposicionistas; e a falta de garantias para o pleito permanece como o grande obstáculo a ser transposto. Conhecedor das dificuldades, Moura Pinto resume a tática da candidatura a ser empregue por Norton e pela oposição, comparando a situação à vivida por Brito Camacho, seu antigo companheiro de Partido, no final da Monarquia. Em resumo, seria preciso levar a candidatura até ao fim, mesmo que o sucesso só adviesse como reação à repressão extrema do governo:

“Receio que o Norton e a nova gente, embriagados com o teatral sucesso, não saibam fazer uma retirada estratégica nos termos da máxima do Camacho no ocaso da Monarquia: obrigados as concessões que rebaixam ou as violências que comprometem.”^[15]

O primeiro entrave a ser transposto é o do financiamento da candidatura. A oposição nunca foi uma situação favorável para quem quisesse obter grandes apoios económicos para causas políticas, em especial, em regimes ditatoriais. Em outras palavras, na falta de apoio oriundo do regime, os oposicionistas tinham de contar com a colaboração das figuras da oposição que possuíam algum dinheiro pessoal ou, ainda, contar com auxílios externos, o que envolve capital e disponibilidade para a realização de uma verdadeira campanha internacional contra o

regime no estrangeiro, o que nem sempre é possível ou eficaz.

No caso da candidatura de Norton de Matos, para além dos apoios internos, a busca de auxílio entre os exilados incide em três áreas distintas: na França, através do grupo de José Domingos dos Santos; nos Estados Unidos, em especial graças ao trabalho e apoio de Abílio Águas; e no Brasil, que tem na altura da candidatura do velho general, o maior grupo de oposicionistas portugueses fora da Europa, reunindo nomes do republicanismo, como Jaime de Moraes, Moura Pinto, Cortesão, os *Budas*, para além de outros, como Sarmento de Beires ou Sarmento Pimentel, este último estabelecido definitivamente no Brasil desde a década de 30, e figuras que acabavam de entrar para a luta oposicionista, como Aniceto Monteiro, Luís de Vasconcelos e outros.

José Domingos dos Santos é o primeiro a mencionar ao grupo do Brasil as suas intenções de apoio à candidatura de Norton, solicitando apoio financeiro e logístico para a realização de um panfleto de propaganda da campanha. O companheiro de Paris parece assumir a postura do seu antigo amigo exilado no Brasil, considerando que a eficácia da candidatura estaria no impacto negativo que a repressão prevista por parte do regime poderia ter em termos internacionais:

“Quero, porém, dar-lhe conta, para seu uso e uso dos nossos correligionários de certas proposições que de Portugal nos

foram feitas. Dois emissários nos foram enviados.[...] O fim destas visitas era convidar-nos a organizar aqui um centro da propaganda daquela candidatura [...] nós aqui entendíamos que se deveria [...] coordena-la com todo o problema político português de forma que ela não perca a sua atualidade, mesmo no caso, bastante provável, de que a candidatura do General venha a tornar-se impossível em virtude das coerções e da violência que a ditadura não deixará de usar [...]”^[16]

Malgrado as reticências, no Brasil, a grande mobilização em torno da campanha toma fôlego em Janeiro de 1949, com os jornais brasileiros afectos ao movimento oposicionista no exílio a darem cobertura ao processo eleitoral. O *Correio da Manhã* e o *Diário Carioca*^[17] são os que possuem maior número de notícias sobre o processo eleitoral assim como de publicações de crônicas e editoriais de políticos e intelectuais brasileiros contrários ao regime de Lisboa, como é o caso de Dalton Jobim, antigo aliado da oposição português.

É no *Diário Carioca* que aparece o primeiro telegrama de saudação dos exilados portugueses no Brasil enviado ao General, afirmando o apoio à sua candidatura por parte dos “democratas portugueses residentes no Brasil”^[18]. Entre os que assinam o telegrama está Moura Pinto, antigo adversário de Norton durante o período democrático da República. A ideia de uma coesão oposicionista supera as divergências do passado, mas a antiga rixa não é de todo

esquecida por aquele que passa a ser o responsável financeiro pela campanha de Norton no Brasil, Moura Pinto:

“Como nascemos para ficarmos no martirólogo aqui me tem cacique financeiro do Norton com quem joguei magníficas injúrias, duelos na maior parte da República Romântico-Idiota que nos consumiu o melhor da nossa vida e ainda agora nos faz sofrer”^[19]

São estes três os nomes “seleccionados” por Moura Pinto no processo de recolha de fundos para a campanha do General Norton de Matos: Ricardo Seabra de Moura, Ventura Brenha e Lúcio Thomé Feteira. O entusiasmo dos escolhidos acaba por ser tolhido pelos limites da própria capacidade de financiamento e da duvidosa eficácia do investimento, por sinal, vultoso se considerarmos o número de envolvidos. Na verdade, a situação internacional e o velado apoio dado a Salazar pelas potências ocidentais são fatores conhecidos pelos opositores e razões para duvidarem da possibilidade da legalidade do novo processo eleitoral:

“Pensei em dividir em três grupos: os três grandes, Ricardo, Feteira e Brenha e a arraia-miúda por conta do Dore. Tamanho era o entusiasmo que trazia o nosso Brenha em ser o banqueiro da Restauração-legalista que eu julguei não me exceder, fazendo a conta a dez mil escudos cada um. Agora venho do Brenha, a rir-me para dentro, pois ele me pediu que meditasse na grandeza que são dez mil cruzeiros, meditação que não pre-

“
É no *Diário Carioca* que aparece o primeiro telegrama de saudação dos exilados portugueses no Brasil enviado ao General, afirmando o apoio à sua candidatura por parte dos “democratas portugueses residentes no Brasil”.

[161] CARTA DE JOSÉ DOMINGOS DOS SANTOS DATADA DE 27 DE SETEMBRO DE 1948. SEM DESTINATÁRIO. ARQUIVO JM. FMS. A CARTA PROVAVELMENTE É ENDEREÇADA A MOURA PINTO, O COORDENADOR INTERNACIONAL DA OPOSIÇÃO REPUBLICANA NO BRASIL

[171] SOBRE O TEMA VER PAULO, H. "O JORNALISMO COMO ALTERNATIVA. OS EXILADOS E A SUA COLABORAÇÃO NOS JORNAIS BRASILEIROS", IN: *ESTUDOS DO SÉCULO XX*. COIMBRA, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE/CEIS 20, N.º 7, 2007

[181] "OS REPUBLICANOS PORTUGUESES SAÚDAM O GENERAL NORTON DE MATOS", IN: *CORREIO DA MANHÃ*, 7 DE OUTUBRO DE 1948, P. 3

[191] CARTA DE MOURA PINTO A JAIME DE MORAIS. 6 DE JANEIRO DE 1949. ARQUIVO MOURA PINTO

[201] CARTA DE MOURA PINTO A JAIME DE MORAIS. 6 DE JANEIRO DE 1949. AMP. UM DETALHE CURIOSO: A ARRAIA-MÚDA CITADA É "ENTREGUE" A FRANCISCO DORES GONÇALVES.

[211] CARTA DE MOURA PINTO A JAIME DE MORAIS, 28 DE JANEIRO DE 1949. ARQUIVO JAIME DE MORAIS. FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES.

[221] CARTA DE MOURA PINTO A JAIME DE MORAIS, 28 DE JANEIRO DE 1949. ARQUIVO JAIME DE MORAIS. FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES.

ciso de fazer porque, normalmente esta importância está fora das minhas cogitações e da minha carteira.

Resolvo, pois dividir em duas partes a grossa maquia de cada um, a primeira de cinco mil escudos a enviar já [...]

Mais para o fim da Campanha – se ainda existir Campanha, Norton e oposição, pediria aos três grandes outros cinco mil cruzeiros^[201].

O apoio oficial dos exilados republicanos ao novo candidato oposicionista gera motivos para uma séria controvérsia levantada pelo regime. Para além da apresentação de Norton de Matos em trajes maçónicos e dos comícios da União Nacional exaltando o combate ao comunismo representado pela candidatura da Oposição, um telegrama de apoio assinado pelos “exilados” gera mais uma polémica. Tal como no caso de outro telegrama enviado aquando da Conferência de Postdam, a menção dos nomes de Jaime de Morais e Jaime Cortesão como republicanos no exílio leva o regime a uma reação e à afirmação de que ambos não estariam exilados, já que haviam sido abrangidos pela amnistia de 1940. Mais uma vez, os nomes dos dois combatentes do revirralho aparecem como verdadeiros “bodes expiatórios” de uma campanha que, muito mais do que engrandecer o “venerando” candidato da União Nacional, visa denegrir a oposição.

Assim sendo, a propaganda oficial afirma não haver “exilados” e que a realização de eleições é o mais

claro sinal da “democracia” então vivida. Tal facto leva Moura Pinto, em carta dirigida a Jaime de Morais, a gozar com a situação e com a condição de “não exilados” atribuída pelo regime aos membros do grupo:

“V. e o Cortesão foram chamados a estocada pelo Norton, afirmando-os exilados e pelo Mº do Interior – por sinal má pessoa como um lacrau – desmentindo o Norton [...] Vejam vcs os dois isso, porque o Norton retrucou e o Ministro voltou a proclamar o entusiasmo de vos esperava em Portugal e a negra ingratição com que vcs teimam em estar ausentes da Pátria”^[211].

Apesar da polémica causada pelo telegrama e dos justificados temores da Oposição, é enviada do Brasil a ajuda de 20 mil contos para a campanha de Norton, tendo sido arrecada entre a colónia cerca de 5 mil contos, uma soma significativa para a época, ainda mais se levarmos em conta as condições financeiras da maioria dos exilados, incluindo Moura Pinto, Cortesão e Morais. Os restantes 15 mil contos foram doados por Feteira, Brenha e Ricardo Seabra de Moura. O dinheiro estaria destinado a financiar a propaganda e as deslocações do candidato:

“Também já sabemos que o nosso telegrama foi excelentemente oportuno e alegrou muito o Norton. Da vossa carta, ainda nada sei, nem dos vinte mil cruzeiros que suponho estarem a ser utilizados em deslocações do Algarve ao Minho e Trás-os-Montes”^[221].

Em Fevereiro de 1949, dá-se a confirmação do inevitável cenário previsto para a candidatura de Norton de Matos. A plena consciência do clima criado pela Guerra Fria levava ao desacreditar do processo eleitoral, mas a convicção política na mudança dava força para a continuidade da batalha dos exilados em prol da democracia.

“O nosso Norton, embriagado com o “Porto” estava tentado a cair na ratoeira e creio que o meus angustiosos apelos a nossa gente contribuíram “um mínimo” para o fazer baixar das regiões dos sonhos. [...] Sinto que não se perdeu o tempo e que o governo se mostra preocupado.”^[23]

Mas, a oposição exilada conseguiu bem mais que arrecadar fundos para a campanha. O espaço que conseguem nos jornais brasileiros é um trunfo na sua luta contra o salazarismo, já que a dimensão dada por alguns periódicos destina-se a mobilizar a opinião pública no Brasil contra a “farsa eleitoral” de Salazar e denunciar o seu carácter fascista e as razões da sua continuidade no pós-guerra.

3. *O apoio brasileiro ao candidato da Oposição: Norton de Matos e os jornais do Rio de Janeiro*

Nos jornais brasileiros que apoiam os opositores, as eleições de 1949 são caracterizadas como um acto

de resistência ao regime de Salazar, sendo que, no espaço reservado ao tema, frequentemente são denunciadas as arbitrariedades do salazarismo e a sua impunidade frente ao jogo internacional imposto pela chamada “Guerra Fria”.

Na sua edição de 12 de janeiro de 1949, o *Diário Carioca* apresenta a candidatura de Norton de Matos como um “desafio” ao “poder de Salazar” e uma verdadeira união do povo “contra a censura prévia e o arbítrio policial”^[24]. Os editoriais são unânimes ao afirmar as dificuldades inerentes ao candidato da oposição e o carácter fascista do regime de Salazar. O jornalista e deputado José Eduardo de Macedo Soares, um elemento bem próximo do grupo dos Budas, depois de enunciar as dificuldades da candidatura oposicionista e a relativa segurança do regime salazarista no jogo de forças internacionais, não deixa de apoiar o acto e de o ver como uma “porta aberta” para a mudança:

“[...] Salazar, na corrente campanha eleitoral, entreabrindo as portas da liberdade, nunca mais poderá encerrá-las de todo. A tirania não pode fazer a mínima concessão à força ambiente do instinto da liberdade. O Sr. Norton de Matos vai perder nas urnas para a máquina da ditadura. Mas esse aparelho de violência está virtualmente destruído pelas restees de luz da liberdade que iluminaram a consciência portuguesa”^[25]

Este espírito de apoio de políticos e jornalistas molda a feição das publicações a respeito da campa-

[26] “MENSAGEM DE NORTON DE MATOS AOS DEMOCRATAS PORTUGUESES DO BRASIL”. *CORREIO DA MANHÃ*, 6 DE FEVEREIRO DE 1949, P. 1

[27] *DIÁRIO CARIOCA*, 13 DE JANEIRO DE 1949, P. 1.

[28] *CORREIO DA MANHÃ*, 16 DE JANEIRO DE 1949, P. 1

[29] *CORREIO DA MANHÃ*, 19 DE FEVEREIRO DE 1949, P. 1

[30] *DIÁRIO CARIOCA*, 11 DE FEVEREIRO DE 1949, P. 1 E 8

[23] CARTA DE MOURA PINTO A JAIME DE MORAIS, 27 DE FEVEREIRO DE 1949. ARQUIVO MOURA PINTO

[24] *DIÁRIO CARIOCA*, 12 DE JANEIRO DE 1949, P.5.

[25] *DIÁRIO CARIOCA*, 1 DE FEVEREIRO DE 1949, P. 1.

“
A plena consciência do clima criado pela Guerra Fria levava ao desacreditar do processo eleitoral, mas a convicção política na mudança dava força para a continuidade da batalha dos exilados em prol da democracia.
”

nha eleitoral em Portugal. Para além da divulgação da imagem do candidato, em geral sob forma de desenho, são publicadas fotografias das manifestações. Na sua edição de 9 de Fevereiro, o *Correio da Manhã*, na sua primeira página, apresenta a imagem de multidão presente no Comício da Fonte do Moura.

As chamadas das primeiras páginas para os eventos da campanha, tornam-se comuns nos jornais já mencionados. A resposta do candidato da Oposição ao telegrama enviado pelos exilados portugueses ganha esse status de notícia privilegiada na edição de 6 de Fevereiro do *Correio da Manhã*:

“Saúdo com o mais vivo entusiasmo os democratas residentes no Brasil, nação que admiro e venero como precioso prolongamento moral e material da nossa pátria, para a qual neste momento procuro uma reabilitação política, que a faça alinhar com as grandes democracias europeias e americanas – esforço coroado do maior êxito, no qual sou acompanhado pela quase unanimidade dos portugueses”^[26].

Os noticiários também dão destaque às denúncias das prisões de opositoristas perpetradas pelo regime, como a de Rodrigues Lapa^[27]. No dia 16 de Janeiro, o *Correio da Manhã* denuncia a prisão de numerosos opositoristas, vinculados ao candidato Norton de Matos, acusados de pertencerem ao Partido Bolchevista. A notícia é-lhe tendencialmente favorável, afirmando a sua feição

de democrata e liberal e a sua intenção de acabar com o fascismo do regime de Salazar^[28]. A 19 de Fevereiro, o mesmo jornal retoma a questão das prisões: na sua primeira página, ainda que na forma de uma pequena chamada, relata a prisão de apoiantes de Norton, entre eles, o “estudante Mário Soares” e Manuel Mendes, acusados de “atividades bolchevistas”^[29].

A desistência de Norton de Matos aparece com igual ênfase nos jornais que apoiaram a sua candidatura. No *Diário Carioca*, a matéria ocupa a primeira página, realçando a denúncia da falta de garantias para a realização normal do pleito eleitoral^[30]. No editorial do mesmo jornal, de 13 de Fevereiro, denominado “A Paz de Varsóvia”, o jornalista Dalton Jobim, afirma que o povo português, “vivo e politicamente capaz”, já compreendeu as imposições da ditadura. A retirada da candidatura é vista como uma manobra política, o início do fim do regime, já que “a paz, se houver, será a Paz de Varsóvia”.

Em 11 de Fevereiro, o *Correio da Manhã* dá a notícia da retirada da candidatura. No dia seguinte, o editorial “Epílogo”, afirma não ter sido surpresa a notícia de renúncia de Norton de Matos, tendo em conta que “nenhuma ditadura segue caminhos democráticos, visto que se inspira essencialmente na antidemocracia”. Mais uma vez, a candidatura da oposição é vista como um teste, uma “tomada de temperatura” dos “sentidos democráticos da velha nação lusa,

ao cabo de vinte anos de ditadura”. Internacionalmente, o efeito das incoerências eleitorais em Portugal fez ver a todos o “cunho ditatorial do governo luso, que, malgrado o incômodo das democracias, mostra a “indiferença” dos países envolvidos na Guerra Fria^[31].

4. *A imagem de Norton de Matos no Brasil*

A figura de Norton de Matos ultrapassa fronteiras com a sua obra colonial, mas mais ainda com o avanço da sua candidatura em 1948. As primeiras eleições “livres” do Salazarismo são um momento privilegiado para os opositores do regime articularem apoios, nomeadamente no apelo aos exilados que, neste contexto, possuem um posicionamento “transnacional” permitindo-lhes lançar a mensagem antissalazarista além de todas as fronteiras, quer geográficas quer as impostas pela repressão interna do regime. Em 1949, a imagem de Norton não é apenas a do antigo governador de Angola, mas também a de um democrata que granjeia o respeito, a admiração e o apoio tanto de nacionais, como de todos aqueles que, não tendo vínculos com Portugal, defendem a democracia por princípio. Assim será no Brasil, nos Estados Unidos e onde quer que haja um núcleo de exilados e emigrados políticos^[32]. Os mesmos jornais que cobriram o processo eleitoral noticiaram a

morte do General Norton de Matos, aclamado por todos como “uma das mais notáveis personalidades da oposição ao regime de Salazar”.

[31] CORREIO DA MANHÃ, 12 DE FEVEREIRO DE 1949, P. 1

[32] VER, JUNTO A MATÉRIA CITADA NA NOTA 25, A MENÇÃO AO APOIO DADO PELA COMISSÃO LUSO-AMERICANA PRÓ DEMOCRACIA, LIDERADA POR JOÃO CAMOESAS.